

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade do Porto

**DELINQUÊNCIA JUVENIL:
ESTUDO DAS DIFERENÇAS EM BUSCA DE SENSACIONES E
IMPULSIVIDADE ENTRE JOVENS DELINQUENTES E JOVENS NÃO
DELINQUENTES**

Sara Verónica Pereira da Costa

Dezembro 2014

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universida-
de do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Jorge Negreiros*
(F.P.C.E.U.P.)

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade do Porto

**DELINQUÊNCIA JUVENIL:
ESTUDO DAS DIFERENÇAS EM BUSCA DE SENSações E
IMPULSIVIDADE ENTRE JOVENS DELINQUENTES E JOVENS NÃO
DELINQUENTES**

Sara Verónica Pereira da Costa

Dezembro 2014

Sara Verónica Pereira da Costa
Presidente: Doutora Maria Emília Costa
Arguente: Doutora Alexandra Oliveira
Orientador/a: Doutor Jorge Negreiros
Classificação: 15 valores

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universida-
de do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Jorge Negreiros*
(F.P.C.E.U.P.)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Jorge Negreiros, pela orientação, partilha e acompanhamento ao longo deste período.

A todas as técnicas da CPCJ de Matosinhos, por toda a disponibilidade e ajuda, quer durante o meu estágio curricular quer para a elaboração desta dissertação.

À Dr^a Claudia Gomes, pela ajuda e disponibilidade mostradas.

Aos meus amigos:

À minha Xila, pela ajuda, pelas conversas, por tudo o que tu sabes, sem ti estes anos não teriam sido a mesma coisa.

À minha Maria, pela amizade que nunca pensei encontrar na faculdade, por estares sempre lá, independentemente da distância.

À Sara, pela ajuda e por termos crescido lado a lado e termos conseguido criado o que temos hoje.

À Clara, Cristina e Patrícia, porque há coisas que são mesmo para a eternidade e sem vocês eu não seria quem sou hoje.

À Simone, Pedro e Alice, por estes meses de aventuras e mudanças, pelas vezes que ouvi “e agora, já acabaste a tese?” e acima de tudo por darem cor às coisas quando elas pareciam negras.

À minha ATITUNA, sem vocês isto nunca teria tido o mesmo significado.

A todos vocês e aos demais que deviam estar aqui e porque não posso escrever vinte páginas de agradecimentos não estão, obrigado por terem feito valer a pena. Levo-vos comigo para a vida.

Por fim mas nunca por último, aos meus pais pois sem eles eu não seria nada, não teria nada, não faria nada. A vocês devo tudo!

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como principal objetivo contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos fatores individuais que coadjuvam o emergir de comportamentos delinquentes. Assim, a primeira parte foca-se na revisão da literatura relevante, com especial destaque para as questões da *busca de sensações* e *Impulsividade*.

Na segunda parte deste trabalho e para que as questões primeiramente abordadas pudessem ser analisadas, foram recolhidas duas amostras, uma de *jovens delinquentes* e outras de *jovens não delinquentes*, para assim podermos comparar os resultados obtidos. No total, a amostra é constituída por 79 jovens, 41 do sexo feminino e 38 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

Aos sujeitos foi pedido que respondessem a um questionário composto por 3 escalas: Escala de Busca de Sensações, Escala de Impulsividade e um Questionário de Delinquência autorrevelada, para assim podermos retirar conclusões, relativamente à nossa amostra, que se relacionem com as questões aprofundadas na revisão literária, apresentada na primeira parte da investigação.

As hipóteses de investigação foram formuladas de acordo com a literatura estudada e os resultados discutidos com base nas mesmas.

Palavras-chave: delinquência juvenil, busca de sensações, impulsividade.

ABSTRACT

This master degree thesis aims to contribute to a better understanding of individual factors which assist the emergence of delinquent behavior. Therefore, the first part focuses on the review of the most relevant literature, with particular emphasis on the issues of sensation seeking and impulsivity.

In the second chapter of this dissertation, and to ensure that the research questions could be analyzed, were collected two separate samples. One composed of juvenile offenders and other of non-offenders, so we can compare results. In total the sample consists of 79 young , 41 female and 38 male, aged between 12 and 17 years.

Subjects were asked to answer a questionnaire with 3 scales: a Sensation Seeking Scale, a Impulsivity Scale and Self-Report Delinquency Scale, so we can draw conclusions relative to our sample, that relate to the issues studied in the theoretical framework presented in the first part of the investigation.

The research hypotheses were formulated according to the studied literature and the results were discussed based on the same.

Keywords: juvenile delinquency, sensation seeking, impulsivity.

RÉSUMÉ

Cette mémoire de Maitrise a comme principal objectif contribuer à une meilleure compréhension des facteurs individuels qui aident à l'émergence de comportements délinquants. La première partie se concentre sur l'examen de la documentation pertinente, avec un accent particulier sur les questions de la recherche de sensations et l'impulsivité.

Dans la deuxième partie de ce travail et pour que la question premièrement adressée pouvait être analysée ont été recueillies deux échantillons, un de jeunes délinquants et un autre de jeunes non criminels, afin que nous puissions comparer les résultats. Au total, l'échantillon se compose de 79 jeunes, 41 femmes et 38 hommes, âgés entre 12 et 17 ans.

Les sujets devaient répondre à un questionnaire avec 3 échelles:

Échelle de Recherche de Sensations

Échelle de l'impulsivité

Échelle avec un questionnaire sur la délinquance auto déclarée

Afin que nous puissions arriver à des conclusions par rapport à notre échantillon, faisant des comparaisons avec les questions en revue dans la littérature de profondeur, faites dans la première partie de l'enquête.

Mots-clefs: délinquance juvénile, recherche de sensations, impulsivité.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - Enquadramento Teórico	2
1. Adolescência	3
2. Sistema de Justiça Juvenil	3
3. Introdução à delinquência juvenil	4
3.1. O conceito e definições	4
3.2. A evolução da delinquência juvenil na sociedade	5
3.3. Teorias explicativas da delinquência juvenil	6
3.4. Tipos de delinquência	7
3.5. A relação entre a delinquência e a idade	8
3.6. As diferenças de género na delinquência	9
4. Fatores individuais na delinquência juvenil	10
4.1. Delinquência juvenil e busca de sensações	10
4.1.1. A personalidade e as diferenças individuais	10
4.1.2. A relação entre busca de sensações e o comportamento antissocial	11
4.1.3. Diferenças de género e idade	12
4.2. Delinquência juvenil e impulsividade	13
4.2.1. Definições de impulsividade	13
4.2.2. A relação entre impulsividade e delinquência	14
4.2.3. Impulsividade e agressividade	15
4.2.4. As diferenças de género e idade	16
4.2.5. Impulsividade de funções executivas	17
5. Conclusão	18
CAPÍTULO 2 - Estudo Empírico	19
2. Introdução	20
3. Objetivos e hipóteses de investigação	20
4. Método	21
3.1. Caracterização da amostra	21
3.2. Instrumento	23
3.3. Procedimento	25

4. Resultados	26
4.1. Hipótese de investigação 1	26
4.2. Hipótese de investigação 2	27
4.3. Hipótese de investigação 3	30
4.4. Hipótese de investigação 4	32
4.5. Hipótese de investigação 5	34
5. Discussão de resultados	36
5.1. Delinquência juvenil e aproveitamento escolar	37
5.2. Delinquência e busca de sensações	37
5.3. Delinquência e impulsividade	38
5.4. Diferenças de género	38
5.5. Considerações finais: limitações, sugestões e contributos	39
BIBLIOGRAFIA	41
ANEXOS	46

Índice de Anexos

Anexo A: Pedido de autorização a Encarregado de Educação	47
Anexo B: Questionário: Caracterização Sociodemográfica	48
Anexo C: Questionário: Caracterização da Situação Escolar	49
Anexo D: Questionário: Caracterização da Situação Familiar	50
Anexo E: Questionário: Escala de Busca de Sensações	52
Anexo F: Questionário: Escala de Impulsividade	53
Anexo G: Questionário: Escala de delinquência auto-revelada	54

Introdução

Atualmente o tema Delinquência Juvenil tem, tanto a nível nacional como internacional, sido destacado no seio da sociedade contemporânea e vindo a despoletar um sentimento de incerteza e preocupação crescentes no que concerne ao futuro dos novos cidadãos. Neste sentido, ao longo do Mestrado Integrado em Psicologia este foi um tema que me suscitou crescente atenção e assim esta Dissertação tem como objetivo dar continuidade ao estudo da delinquência juvenil.

Pretende-se, neste estudo, avaliar as diferenças relativamente aos constructos *Impulsividade* e *Busca de Sensações* em jovens com e sem comportamentos delinquentes, tentando perceber se existem diferenças significativas quanto aos valores obtidos nas escalas aplicadas - *Escala de Busca de Sensações* e *Escala de Impulsividade*. É, ainda, um objetivo perceber se existem diferenças acerca do aproveitamento escolar entre os dois grupos e se os rapazes delinquentes têm *scores* mais elevados nas escalas, comparativamente às raparigas delinquentes.

Para responder aos objetivos propostos, este trabalho divide-se em dois capítulos.

O primeiro capítulo desta dissertação sintetiza a revisão bibliográfica feita sobre as questões relacionadas com a *Delinquência Juvenil*, abordando diferentes investigações desenvolvidas sobre o tema e aprofundando as questões da *Impulsividade* e *Busca de Sensações*.

O segundo capítulo apresenta o estudo realizado, caracterizando a amostra, o instrumento utilizado, o processo de recolha de dados, descrevendo, por fim, os resultados obtidos e a sua discussão. Para que tal fosse possível recorreu-se à utilização de um questionário adaptado por Chitas (2010), que se encontra dividido em 5 partes: as três primeiras relacionadas com dados sociodemográficos, situação escolar e familiar; uma parte direcionada para caracterização individual; e um questionário de delinquência autorrevelada. A administração do instrumento decorreu numa Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) - grupo de *jovens delinquentes*; e numa escola - grupo de *jovens não delinquentes*, ambas da zona do Grande Porto. Por fim são apresentadas as conclusões gerais, com referência às limitações encontradas e possíveis estudos futuros.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1. Adolescência

Enquanto ser social, o ser humano passa por diversas fases ao longo da sua vida, no entanto a infância e a adolescência são as etapas de vida fundamentais para o desenvolvimento do processo de socialização. Enquanto na infância o seu ponto de referência são os pais, na adolescência é o grupo de pares e todo o ambiente escolar que o rodeia, sendo que é na escola, com os pares, onde passa grande parte do seu tempo (Born, 2005).

Do ponto de vista do desenvolvimento do ser humano, a adolescência é considerada o período de transição desenvolvimental entre a infância e a idade adulta, o que implica importantes mudanças ao nível físico, cognitivo e psicossocial (Feldman, Olds, & Papalia, 2001). É neste período que o indivíduo procura a sua própria autonomia, demarcando-se da dependência infantil que tem com os pais, construindo assim a sua própria identidade. O adolescente terá que reformular o seu passado com vista a construir um futuro, em que deverá encontrar as respostas às suas dúvidas, questionando os valores, os interesses, as atitudes e os comportamentos (Fonseca, Miranda, & Monteiro, 2003).

Dada a importância do jovem se definir enquanto pessoa, as escolhas que faz precocemente na vida, quer na infância, quer no início da adolescência, vão influenciar o seu futuro, sobretudo, a pertença a um grupo, os valores, os costumes, o *estilo* de vida que adota, o meio sociocultural em que vive e a própria família. Assim, existem adolescentes que escolhem adotar padrões de vida convencionais, socialmente aceites para a sua integração na comunidade, enquanto outros escolhem padrões de vida não convencionais, não normativos, como forma de viver (Dias, 2012).

2. Sistema de Justiça Juvenil

O estudo da delinquência juvenil começou a desenhar-se no início do século XX, chegando, nos EUA, a constituir-se como uma área privilegiada de atuação. No entanto, em Portugal, foi nos finais da década de noventa que começou a surgir uma preocupação crescente com o fenómeno da delinquência juvenil. Esta preocupação foi, em grande parte, impulsionada por alguns casos mediáticos e imagens violentas veiculadas diariamente pelos média, levando o cidadão comum a sentir estar sujeito a agressões permanentes, aumentando o medo e a insegurança (Santos, 2004). Este sentimento de insegurança

“ascendeu à categoria de preocupação nacional em todos os países industrializados” (Lourenço, 1998: 51, in Santos, 2004).

Em Portugal, espelhando o que se passa também em muitos outros países, a forma de intervenção com estes jovens tem sido discutida em torno da opção por um modelo adequado. No entanto, em geral, a justiça de crianças e jovens tem-se apresentado com uma natureza dual, devido à existência de dois modelos de intervenção: o modelo de proteção e o modelo de justiça.

O modelo de proteção considera que a criança não é responsável pelos seus atos, mas sim vítima das circunstâncias, logo esta não deve ser punida. Este defende que o comportamento delinvente está ligado a limitações sociais, económicas e físicas e que, por isso, qualquer intervenção do Estado não deve ter como objetivo punir, mas sim atenuar essas limitações.

O modelo de justiça, progressivamente elaborado nos anos oitenta, realça o ato praticado, ao invés das necessidades específicas do jovem. Assim, segundo este, o jovem deve assumir a responsabilidade das suas escolhas e atitudes, devendo a punição ser proporcional à gravidade do ato cometido. A proteção, neste modelo, pretende visar a sociedade e não o menor (Santos, 2004).

Com a evolução do Sistema de Justiça Juvenil, no final dos anos noventa fala-se já de *justiça restaurativa*. Esta é definida por uma mediação entre as partes interessadas em comunicar entre si, com vista à reparação da vítima. Aqui o crime é concetualizado primeiro como uma violação das relações interpessoais e só depois como uma violação da lei, procurando satisfazer, simultaneamente, as necessidades da vítima e “reintegrar” o ofensor, proporcionando a este oportunidades para compreender os prejuízos causados e repara-los (Negreiros, 2012).

3. Introdução à delinquência juvenil

3.1. O conceito e definições

O conceito de delinquência está associado a uma grande imprecisão. Este pode ser definido em função de critérios jurídico-penais, apresentando-se o delinvente como o indivíduo que cometeu atos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais, assim como pode ser confundido com a definição de comportamento antissocial. No entanto, o comportamento considerado delinvente refere-se à execução de delitos considerados

crime. Assim, a delinquência, de um modo geral, baseia-se num contato oficial com os tribunais, que pode ser devido a apenas um ato isolado (Negreiros, 2001).

Ferreira (1997, Kazdin, 2001, Fonseca, 2004, in Oliveira, 2011) refere que a delinquência juvenil engloba todo o tipo de infrações criminais que ocorrem durante a infância e a adolescência, obrigando a uma intervenção legal. Neste sentido, os comportamentos delinquentes correspondem a uma designação legal em que jovem tem contato com o sistema de justiça, violando as leis criminais.

No entanto, desde finais dos anos oitenta várias foram as definições sugeridas por diversos autores. Para Dickes e Hausman (1986), a delinquência juvenil abarca todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso da transição para a idade adulta. Já segundo Emler e Reicher (1995), a delinquência decorre de uma relação de confronto com a autoridade legal. Para estes autores durante a adolescência é acionada uma nova fase da relação entre o indivíduo e a ordem institucional, sendo no decorrer desta que alguns adolescentes se orientam para a rejeição da regulação social formal. Por sua vez Roché (2000) dá-nos uma definição de delinquência juvenil que combina três fatores: ação, intenção e reação. Mais recentemente, o psicólogo Eduardo Sá (2002) sublinhou que a problemática da delinquência juvenil não pode ser confundida com um diagnóstico clínico (in Santos, 2004).

3.2. A evolução da delinquência juvenil na sociedade

É sabido que o tema da delinquência juvenil vem sendo destacado no seio da sociedade contemporânea despoletando um sentimento de incerteza e preocupação crescentes no que concerne ao futuro e aos novos cidadãos que se estão a desenvolver (Brochado, 2010). Se num passado recente as atividades delinquentes eram pouco complexas e visavam a garantia das necessidades mais próximas, nos dias de hoje são conhecidas práticas cada vez mais complexas, tendo por objetivo final não só o prejuízo da propriedade e do outro, mas também a concretização de um momento alternativo à rotina diária (Seabra, 2005). Também Becker (1985, in Brochado, 2010) caracterizou a evolução no percurso destes jovens como “carreiras desviantes”, que representavam uma graduação dos comportamentos antinormativos, cada vez mais poderosos e capazes de sustentar o novo vício, como é o caso de “roubar por roubar”.

Ao longo do tempo, o tipo de comportamentos desviantes foi alterando, não sendo possível afirmar que, relativamente ao número, tem vindo a existir um aumento da criminalidade juvenil. No entanto, no que concerne à sua forma de exteriorização, é cada

vez mais evidente que os jovens delinquentes têm vindo a assumir formas de atuação mais elaboradas, sendo essa a maior preocupação de diversas entidades, como a Policia de Segurança Publica, órgãos de justiça ou o próprio sistema escolar (Brochado, 2010).

3.3. Teorias explicativas da delinquência juvenil

A Teoria essencial na explicação dos comportamentos desviantes em adolescentes é a *teoria do controle* de Hirshi. De acordo com o autor, a ausência de laços e de uma vinculação firme à sociedade, nomeadamente com os pais e o grupo de pares, poderá dotar o indivíduo de maior predisposição para a prática criminal. Assim, para Hirshi (1969, *cit in* Born, 2005) esta teoria “postula que o crime e a desviância se instalam quando o laço que liga o indivíduo à sociedade é demasiado fino ou é quebrado” (p.80). Logo, quanto mais sólidos forem os laços que o indivíduo possui com a sociedade e quanto maior for a sua conformidade e consenso para com a sociedade, menor será a tendência para contrariar as normas sociais (Born, 2005).

Nesta perspetiva há duas variáveis preponderantes para o indivíduo agir de forma antissocial: o baixo autocontrolo e as oportunidades para o indivíduo se envolver em comportamentos delinquentes. Por baixo autocontrolo entende-se o indivíduo ser impulsivo, insensível aos sentimentos e necessidades dos outros, mais interessado pela atividade física do que pela mental e, portanto mais disposto a agir do que a pensar, com um gosto excessivo pelo risco e pela aventura, com limitadas perspetivas temporais, ou seja, orientado para o presente, e centrado sobre si mesmo (Silva, 2012). Segundo Fonseca e Simões (2002, *in* Silva, 2012), são as oportunidades que fazem com que o baixo autocontrolo se possa expressar numa panóplia de comportamentos delinquentes ao longo da vida.

Existem ainda outras teorias explicativas da delinquência juvenil, como é o caso da *teoria da associação diferencial*, desenvolvida por Sutherland e Cressey's, que refere que a maior parte dos comportamentos delinquentes são aprendidos através do contacto com elementos e padrões que vigoram num determinado ambiente físico e social. A base desta teoria está centrada numa das premissas citadas por estes autores, a qual indica que a prática criminal, para além de ser movida por impulsos, motivações e atitudes, se deve principalmente à presença de definições favoráveis ou não à violação das normas legais. Assim, um indivíduo que possua um excesso de definições favoráveis à prática criminal em detrimento de definições desfavoráveis irá optar pela via da delinquência (Siegel, 2012 *in* Pais, 2012).

3.4. Tipos de delinquência

Frechete e LeBanc (1987, *cit in* Baptista, 2000), que realizaram estudos longitudinais abrangendo uma amostra de mais de quatrocentos jovens em contato com a justiça canadiana distinguem, numa lógica de gravidade, dois grandes tipos de delinquência:

O primeiro grande tipo é a Delinquência Insignificante. Esta subdivide-se em duas categorias: a delinquência como manifestação da “crise” da adolescência – referindo-se esta a comportamentos de experimentação que dão origem a condutas delituosas menores, próprias dessa mesma “crise”, onde os limites e regras sociais são postos à prova. Habitualmente, ultrapassando a etapa de “crise” o jovem consolida os seus vínculos sociais; e a delinquência como pedido de ajuda inconsciente – que se refere a problemas comportamentais, muitos deles de caráter autodestrutivo que, embora socialmente pouco danosos, são reveladores dos problemas de desenvolvimento, dificuldades de inserção sóciofamiliar e escolar, à luz da conceção de Winicott.

O segundo grande tipo de delinquência, segundo os autores, diz respeito à Delinquência Significativa – que se subdivide em três categorias:

a) Delinquência esporádica – refere-se a um número limitado de atos delituosos de fraca gravidade e circunscritos num determinado intervalo de tempo;

b) Delinquência explosiva – refere-se a um maior número de atos de gravidade média circunscritos num determinado período da vida;

c) Delinquência de carreira – trata-se já de uma condição delinquente que se diferencia em três subcategorias:

I. delinquência persistente intermédia – refere-se a atos heterogéneos, de gravidade média e de longa duração. Começa na adolescência e persiste na idade adulta;

II. delinquência persistente grave – refere-se a atos heterogéneos, de longa duração, mas de maior gravidade, com uma escalada no tipo de crimes, associada a crimes violentos;

III. delinquência “estilo de vida” – idêntica à anterior mas mais enraizada na personalidade e estilo de vida do jovem. Estes jovens apresentam dificuldades em estabelecer vínculos familiares, sociais e institucionais, têm elevados níveis de egocentrismo e isolamento interpessoal e muito pouca capacidade empática, o que favorece uma moralidade própria, i.e. a “lei do mais forte”.

Numa lógica de continuidade, os autores supracitados caracterizam a delinquência de duas formas: 1) delinquência regressiva e 2) delinquência extensiva. A primeira trata-se

de uma delinquência transitória, acidental, que ocorre sensivelmente entre os 14 e os 18 anos. Esta pode ser grave e frequente, no entanto eclipsa-se, habitualmente, de forma abrupta a partir da segunda metade da adolescência. A segunda trata-se de uma delinquência com início precoce, entre os 10 e 11 anos de idade, e que se vai consolidando até fazer parte do estilo de vida do adolescente, portanto resistente aos constrangimentos sociais (Silva, 2012).

3.5. A relação entre a delinquência e a idade

A relação entre o comportamento desviante e a idade tem estado sob o foco de vários investigadores uma vez que entre eles se verifica uma ligação manifesta, quer pela idade com que se iniciam os comportamentos, quer pelo percurso adotado pelos jovens (Negreiros, 2008).

No que diz respeito à idade de início das atividades antinormativas, estudos têm sido consistentes ao afirmar que os indivíduos cuja atividade desviante se manifesta em idades mais precoces têm tendência a cometer um maior número de delitos, persistem na “carreira” por mais tempo e apresentam diversas formas de atuação (Fréchette & Le Blanc, 1987; Tolan, 1987; Farrington, 1983; Lahey & Waldmann, 2004, in Negreiros, 2008). Assim, estima-se que existam três hipóteses na explicação da importância do estudo do início da atividade delinvente: a primeira, que reconhece que a entrada prematura na atividade desviante tem origem em fatores causais distintos daqueles que intervêm na manutenção do comportamento; a segunda, que considera que quanto mais precoce a entrada nos comportamento antissocial, mais grave e persistente será o percurso do jovem; por fim, a terceira hipótese defende que a diferentes tipos de comportamentos estão associadas diferentes idades de início da atividade (*ibid*).

Também da análise da relação idade-crime nascem duas perspectivas. Uma mais determinista, defendendo a evolução da atividade desviante como um processo maturacional, independente do próprio indivíduo. Outra que assume que, ao longo da vida, as idiossincrasias de cada indivíduo, acontecimentos pontuais e o contexto social interferem na formação do comportamento podendo assim influenciar a trajetória desviante (Brochado, 2010).

As estatísticas criminais existentes, baseadas nos registos policiais, revelam que o pico da atividade delinvente se situa por volta dos 17-18 anos, tendo a primeira condenação ocorrido por volta dos 14-15 anos. Assim, a relação entre delinquência e idade tem-se revestido de um grande interesse e sido alvo de diversos estudos nas últimas

décadas. Resultante destes, é possível concluir que a frequência de atos delinquentes parece estar a aumentar em indivíduos com idade compreendidas entre os 12 e os 17 anos (Negreiros, 2008). Também Belson (1975, *cit in* Negreiros, 2008), que realizou um estudo com uma amostra de 1475 adolescentes do sexo masculino, demonstrou que as formas menos graves de atividades desviantes (furtar algo em casa ou na escola) decorriam entre os 10 e 11,1 anos de idade respetivamente e, por sua vez, os furtos mais graves (com ameaça ou de veículos) ocorriam entre os 12 e os 14,2 anos.

Tendo conhecimento de que o nível e a persistência da atividade delinquente têm, por muitos autores, sido associados com a precocidade do início desta, é evidente a necessidade do continuado estudo da delinquência juvenil e, conseqüentemente, das formas de intervenção.

3.6. As diferenças de género na delinquência

Todos os estudos que se focam na relação entre delinquência e género apresentam diferenças de amplitude e de gravidade entre rapazes e raparigas. O envolvimento em comportamentos de risco aumenta com a idade, como foi anteriormente referido, sendo os rapazes mais propensos a desempenhar este tipo de comportamentos (Daeter-Deckard, Dodge, Bates, & Pettit, 1998; Moffitt & Caspi, 2001, *cit in* Simões et al., 2008; Farrington, 1987; Fergusson & Horwood, 2002; Henggeler, 1989; Pleban, 2002, *in* Oliveira, 2011).

No geral, considera-se que os rapazes cometem entre duas a cinco vezes mais atos delinquentes do que as raparigas (Marcotte et al., 2002).

Muitos investigadores acreditam que o género necessita de ser tratado como mais do que uma simples variável demográfica. Borduin e Schaeffer (1998, *in* Oliveira, 2011) apontaram diferenças de género dignas de nota, nomeadamente no que concerne ao género masculino apresentar índices consideravelmente mais elevados de distúrbios de conduta e problemas de comportamento antissocial quando comparado com o sexo feminino. Por sua vez, Farrel et al (2005, *cit in* Fernandes, 2008, *in* Oliveira 2011) partilham também da convicção de que o género masculino apresenta uma atividade delituosa superior. Também Moffitt, Caspi e Rutter (2001) realçaram que, de acordo com os autorrelatos de delinquência juvenil, os rapazes cometem mais ofensas do que as raparigas. No entanto, segundo os mesmos, entre os 13 e os 15 anos as diferenças de género tornam-se ténues. Esta proximidade na conduta delituosa pode ser um reflexo da maturação feminina, que é mais precoce que a masculina. Neste sentido Stattin e Magnusson (1996, *cit in* Lösel,

2003) afirmaram que, de acordo com a maturação feminina precoce, a delinquência deste género tende a aumentar e a diminuir um pouco mais cedo que a delinquência masculina.

4. Fatores individuais na delinquência juvenil

A delinquência juvenil tem sido estudada segundo abordagens familiares, sociais e individuais. Assim, sabemos que se trata de um fenómeno complexo resultante da interação entre estas e que nenhuma delas isoladamente consegue explicar o fenómeno. Um conhecimento abrangente acerca da delinquência juvenil deve considerar uma análise das três (Souza, 1999, in Dias, 2010). Com consciência das limitações existentes centramonos, neste estudo, nos fatores individuais.

Entre os fatores individuais de risco e de proteção mais fortemente associados aos comportamentos de risco na adolescência focamo-nos, relativamente aos que se relacionam com os “traços de personalidade”, na *busca de sensações* e, no que concerne a fatores relacionados com o temperamento, na *impulsividade* (Chitas, V., 2010). Constructos que, segundo Zuckerman (1994, in Preto, 2012), têm correlações significativas entre si, sobretudo no que diz respeito às dimensões impulsivas relacionadas com a falta de planeamento e com a adoção de comportamentos de risco.

Segundo a literatura ambos os constructos podem estar, também, associados a uma maior propensão para o consumo de drogas ou outro tipo de substâncias, no entanto não está claro estes sejam uma causa ou um efeito da dependência de drogas (Preto, 2012), como tal este não será um dos principais focos de investigação neste trabalho.

4.1. Delinquência juvenil e busca de sensações

4.1.1. A personalidade e as diferenças individuais

A personalidade tem sido historicamente explorada como um constructo capaz de explicar as diferenças individuais, constituindo-se como um marco teórico para os estudos a respeito das idiosincrasias do indivíduo e da estabilidade da conduta (Ávila, Rodríguez, & Herrero, 1997; Barbaranelli & Caprara, 1996, in Formiga, Aguiar & Omar, 2008), e de, a partir destas características, predizer reações ou disposições futuras das pessoas (Gazzaniga & Heatherton, 2005; Paunonen, 1998; Peabody, 1987; Trzop, 2000, in Formiga et al, 2008).

Os traços da personalidade são, assim, características individuais que determinam

formas de agir e pensar semelhantes perante uma variedade de estímulos e situações distintas. Neste sentido, através da identificação dos traços de personalidade é possível resumir, prever e explicar a conduta adotada por uma pessoa (Pervin, 2003 in Brochado, 2010).

É no estudo da personalidade, das diferenças individuais, mas também no seio do fenómeno da conduta juvenil, principalmente aquela que conduz à delinquência, que surge o constructo *busca de sensações*, que muito tem contribuído para o ênfase das diferenças individuais (Formiga et al, 2008).

4.1.2. A relação entre busca de sensações e comportamentos antissociais

A teoria *busca de sensações* compõe uma das perspetivas psicológicas que procuram dar resposta ao fenómeno do comportamento desviante. Esta teoria assume que o indivíduo possui um traço de personalidade (em maior ou menor grau) que o atrai para experiências e sensações novas e intensas, com o objetivo de alcançar riscos, físicos e sociais, que possam satisfazer essa necessidade individual (Brochado, 2010).

O estudo da *busca de sensações* iniciou-se com Zuckerman (1971) e Zuckerman, Eysenck e Eysenck (1978), sendo definida como uma necessidade de viver experiências complexas e novas apenas pelo desejo de correr riscos físicos e sociais, para assim satisfazer as necessidades pessoais. No entanto este constructo não é visto apenas como uma necessidade individual de experimentar situações de risco. Segundo os autores estaria também inserido na socialização, que tem vindo a ser enfaticamente avaliada nos últimos anos, como condição *sine quo non* da construção da realidade social.

No decorrer do seu estudo, Zuckerman (1994, in Preto, 2012), refere-se ainda a quatro dimensões da *busca de sensações*: Procura de Emoção e Aventura, Procura de Experiências, Desinibição e Intolerância ao Aborrecimento. A Procura de Emoção e Aventura expressa o desejo de participar em desportos ou outras atividades físicas de risco que desencadeiam sensações incomuns de velocidade ou de desafio da gravidade (e.g., paraquedismo, mergulho ou alpinismo). A Procura de Experiências descreve a procura de sensações e experiências novas através da mente e dos sentidos, atividade intelectual ou sensorialmente estimulante (e.g., música, arte, viagens) ou através de atividades sociais não-conformistas, como a associação a grupos postos de parte pela sociedade convencional (e.g., artistas, hippies). O fator Desinibição descreve a preferência por atividades que promovam a socialização (e.g., festas, consumo de álcool e outras substâncias). Por último, o fator Intolerância ao aborrecimento refere-se à intolerância a experiências repetitivas ou

rotineiras e à monotonia.

Essa dimensão da personalidade, segundo Arnett (1994), pretende compreender o comportamento juvenil, principalmente aquele que caracteriza as transgressões de normas sociais, como é o caso das variações do comportamento de risco a partir do investimento que o jovem atribuiu à busca de novas experiências e emoções intensas (Mussen, Conger, Kagan, & Huston, 1995, in Formiga et al, 2008).

Formiga et al (2008, in Zappe, in Dias, 2010) identificaram uma relação positiva entre a busca de sensações de intensidade e novidades e o comportamento agressivo físico e verbal, raiva e hostilidade. Esses estudos mostram que traços de personalidade, ou seja, características individuais, permitem explicar a conduta juvenil. Um ano mais tarde os mesmos autores procuraram explicar a delinquência juvenil através da busca de sensações, encontrando uma relação direta entre a busca de intensidade e de novidades com condutas antissociais.

Donohew et al (1999, in Formiga et al, 2008), a partir do instrumento de Zuckerman, que avalia a *busca de sensações*, observaram que os sujeitos que apresentavam valores mais elevados tem uma maior probabilidade de enveredar por comportamentos antissociais e de os iniciar precocemente. Isto permite uma reflexão sobre a associação entre o risco e a ilegalidade e a presença de altos resultados relativamente à *busca de sensação* (Omar & Uribe, 1998, in Zappe, & Dias 2010). Independentemente do grau de experiência dessas sensações esta é apontada como uma possível predisposição em revelar os comportamentos que antecedem a delinquência.

Ainda Farley (1972, *cit in* White et al., 1985, in Brochado, 2010) estudou uma amostra de raparigas delinquentes institucionalizadas e verificou que os comportamentos delinquentes (tentativas de fuga ou desobediência) ocorridos durante o período de institucionalização se encontravam positivamente relacionados com um elevado *score* de *busca de sensações*. Os resultados foram coincidentes quando o estudo foi reproduzido em amostras masculinas.

4.1.3. Diferenças de género e idade

Zuckerman (1994), sem apontar diretamente para a problemática da delinquência, identificou dois fatores demográficos com grande preponderância nos *scores* de busca de sensações: o género e a idade.

Estas diferenças foram estudadas em diferentes culturas onde se comprovou que os homens apresentam maiores níveis de *busca de sensações* do que as mulheres em todas as

dimensões da escala com exceção da busca de experiências (White et al., 1985).

Também Cross et al. (2013) referem que os indivíduos do sexo masculino apresentam valores mais elevados na medida de *busca de sensações*, aqui definida como uma vontade de se envolver em atividades novas ou intensas. Os autores explicam esta diferença entre gêneros em termos de mecanismos psicológicos evoluídos ou normas sociais culturalmente transmitidas. Referem ainda que as diferenças de gênero encontradas quanto à *busca de sensações* podem ser o reflexo de predisposições genéticas que interagem com a informação social transmitida.

Também Gouveia et al. (2010) afirmaram que já foi verificado que os adolescentes do sexo masculino apresentaram maior tendência para obter resultados elevados no que concerne à *busca de sensações*. Com o objetivo de confirmar a sua hipótese, os mesmos autores realizaram uma pesquisa com estudantes adolescentes e adultos da população geral em Atlanta onde concluíram que os adolescentes do sexo masculino apresentam pontuações mais altas do que os do sexo feminino.

Relativamente à idade verificou-se que a *busca de sensações* tende a aumentar com esta sendo que, desde o final da adolescência até à idade adulta, há uma diminuição significativa de valores (Zuckerman et al., 1978, Brochado, 2010). Os maiores níveis de intensidade da *busca de sensações* foram encontrados na faixa etária dos 16 aos 20 anos. O declínio verificado após este período da adolescência é mais evidente nas dimensões de procura de emoção e aventura e desinibição, sendo que a dimensão *intolerância ao aborrecimento* tende a manter-se estável ao longo do tempo (Zuckerman, 1994; Russo et al., 1993, Hoyle et al., 2002, in Brochado, 2010).

4.2. Delinquência juvenil e impulsividade

4.2.1. Definições de Impulsividade

Os comportamentos impulsivos em adolescentes têm sido consistentemente associados a uma maior diversidade e quantidade de crimes (Lynam, 1996, in Pechorro, 2011). No entanto, no que concerne à *impulsividade*, após uma análise da literatura existente, deparamo-nos com uma ausência de definições comuns assim como com o ignorar do carácter multidimensional da mesma. É, no entanto, possível afirmar que a impulsividade é geralmente definida como a tendência para responder rápido demais a um determinado estímulo sem análise e avaliação das consequências dessa mesma resposta (Buss & Plomin, 1975).

Moeller, Barratt, Dougherty, Schmitz e Swann (2001, in Preto, 2012) descreveram a *impulsividade* como uma predisposição para reações rápidas e não planeadas relativamente a estímulos internos ou externos sem considerar as possíveis consequências negativas destas, quer para si quer os outros. Assim, apesar de alguma falta de consenso quanto à sua definição, a impulsividade tem vindo a ser considerada uma das peças centrais de várias teorias atuais do crime (Lynam & Miller, 2004).

Moffitt (1993, in Pechorro, 2011) defendeu que a impulsividade aumenta o risco de o comportamento antissocial persistir a longo prazo através de métodos diretos ou indiretos. Diretamente, considerando que a *impulsividade* interfere com a capacidade da criança ou jovem controlar os seus comportamentos e pensar nas consequências futuras dos seus atos. Indiretamente, devido ao facto de défices no controlo dos impulsos poderem conduzir ao insucesso escolar, fomentando a incapacidade futura de ter sucesso sócio-profissional, podendo assim levar o indivíduo a procurar os benefícios a curto prazo associados ao envolvimento em atividades antissociais.

4.2.2. A relação entre impulsividade e delinquência

É da opinião de diversos autores que o comportamento delinquente é o resultado de défices no controlo dos impulsos (Barratt & Patton, 1983; Eysenck & Eysenck, 1977; Robbins & Bryan, 2004; Romero, Luengo, & Sobral, 2001, *cit in* Carrol, Hemingway, Bower, Ashman, Houghton & Durkin, 2006).

Segundo Rutter, Giller e Hagel (1998, in Dias, 2012), os défices no controlo dos impulsos, combinados com a labilidade emocional, inquietação, défice de atenção, negativismo e pensamentos que refletem incapacidade de modular expressão impulsiva, são dimensões que estão fortemente associadas com o comportamento externalizado, significativamente disruptivo e antissocial que se manifesta nos indivíduos entre os 9 e os 15 anos.

Também Vazsonyi, Cleveland e Wieber (2006) afirmam que os indivíduos impulsivos são mais propensos a enveredarem em condutas que violam as normas sociais, incluindo a delinquência.

Por sua vez, outros autores afirmam também que adolescentes com altos níveis de impulsividade são mais suscetíveis a demonstrar altos níveis de delinquência (Eysenck & Eysenck, 1977; Newman & Wallace, 1993; White et al., 1994; *cit in* Vitulano, Fite & Rathert, 2010).

A literatura refere, ainda, a impulsividade como uma característica individual importante a considerar em relação à delinquência juvenil e à sua associação a pares delinquentes (Vitulano, Fite & Rathert, 2010). Curran, Stice e Chassin (1997; *cit in* Fite, Colder & O'Connor, 2006) referem que visto as crianças com altos níveis de impulsividade tenderem a associar-se a grupos de pares que apoiam e incentivam o comportamento delincente encontram-se, assim, mais propensas a desenvolverem comportamentos semelhantes. Neste sentido, pode-se afirmar que os indivíduos impulsivos apresentam uma atitude favorável em relação à delinquência podendo ser facilmente influenciados pelo grupo de pares para assumirem comportamentos antissociais, comparados com indivíduos menos impulsivos (Vitulano, Fite & Rathert, 2010).

4.2.3. Impulsividade e agressividade

Diversos estudos abordam a relação entre a impulsividade e a agressividade, tendo demonstrado que estes conceitos são difíceis de separar (Barratt & Slaughter, 1998; Barratt, Stanford, Dowdy, Liebman & Kent, 1999; Vigil-Colet & Codorniu-Raga, 2004; Forero, Pujol, Olivares & Pueyo, 2009, in Preto, 2012). Assim, no que concerne à relação entre a agressividade e impulsividade, Hoaken, Shaughnessy e Pihl (2003) afirmam os indivíduos com défices nas funções executivas cognitivas são mais agressivos, sendo incapazes de inibir comportamentos impulsivos. A impulsividade parece, assim, assumir um papel determinante na expressão de vários tipos de agressividade.

Luengo et al (1994, in Chitas, 2010), considerando o caráter multidimensional da impulsividade assim como os diferentes tipos e padrões de comportamento delincente, realizaram um estudo longitudinal com 1226 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Neste estudo os autores procuraram analisar os padrões de estabilidade e mudança de diferentes dimensões do comportamento antissocial, em função da impulsividade. Assim, concluíram que as médias de autoavaliação da impulsividade se encontravam positivamente relacionadas com os comportamentos antissociais dos adolescentes. Destes comportamentos, os que se revelara mais fortemente associados à impulsividade foram a quebra de regras, seguido da agressão e do vandalismo. Comportamentos como o roubo ou o uso de drogas revelaram uma menor associação à impulsividade.

Por sua vez, Barrat (1985, in Chitas, 2010), identificou três componentes que se encontram presentes no conceito de impulsividade. A componente “cognitiva”, “motora” e

de “não planeamento”. Assim, o autor sublinha a inclusão de um conjunto de variáveis cognitivas, comportamentais e de personalidade na impulsividade.

Carrol et al (2001, in Chitas, 2010), ao realizarem um estudo com 129 adolescentes institucionalizados e 43 estudantes do ensino regular, constataram, também, que a impulsividade distinguia os adolescentes delinquentes dos não delinquentes.

Vitacco, Neumann, Robertson e Durrant (2002) avaliaram as contribuições da impulsividade na avaliação de adolescentes do sexo masculino detidos em centro de detenção juvenil. Os autores obtiveram resultados que indicam que os jovens com pontuações mais altas em impulsividade passaram mais dias detidos, tinham mais comportamentos antissociais, mais sintomas psicopatológicos e piores ligações sóciofamiliares.

Henry et al (1996, in Debarbieux & Blaya, 2002), no acompanhamento realizado a mais de 1000 crianças, em Dunedin (Nova Zelândia), constataram que os níveis de deficiência do controlo comportamental, como é o caso da impulsividade, em idades compreendidas entre 3 e 5 anos, constituíam um indicador significativo de futuras condenações judiciais por atos violentos, em jovens até 18 anos.

Ainda Eysenck & Eysenck (1997, in Chitas, 2010) referem que a impulsividade é considerada um importante determinante do comportamento delinquente.

4.2.4. As diferenças de género e idade

Vários estudos têm demonstrado que os homens são, em regra, igual ou mais impulsivos do que as mulheres (Eysenck, Pearson, Easting & Allsopp, 1985; Luengo et al., 1991; *cit in* Claes et al., 2000).

Frick, OBrien, Wootton e McBurnett (1994, in Pechorro et al, 2012) numa amostra clínica de 95 crianças e pré-adolescentes encontraram diferenças evidentes de que os rapazes pontuavam significativamente mais alto na dimensão mista Impulsividade-Perturbação do comportamento.

Também Marsee, Silverthorn e Frick (2005, in Pechorro et al., 2012) investigaram a associação das tendências psicopáticas com a agressão e a delinquência numa amostra de rapazes (n=86) e de raparigas (n=114) não referenciados. No entanto, neste estudo não foram encontradas diferenças claras na associação dos traços calosos/não-emocionais, narcisismo e impulsividade com a agressão e a delinquência. É, assim, possível concluir que, no que concerne à impulsividade, embora estudos tenham registado valores mais elevados para os sujeitos do sexo masculino, existem também autores que referem a não

existência de diferenças significativas.

Por sua vez, estudos de autorrelato de diferenças de idade na impulsividade que abrangem adolescência e idade adulta são ainda mais raros do que os que tratam da busca de sensações. No entanto foram encontrados alguns estudos que abordam a temática.

Assim, Galvan et al. (2007, in Cauffman et al., 2008) relatam uma correlação negativa, estatisticamente significativa, entre a idade cronológica e impulsividade em uma amostra de indivíduos com idades entre 7 e 29, o que sugere que o controle dos impulsos se desenvolve ao longo da adolescência e início da idade adulta.

Também Leshem e Glicksohn (2007, in Cauffman et al., 2008) relatam um declínio significativo em idades 14-16 para 20-22 nas escalas de impulsividade.

Stanford, Greve, Boudreaux, Mathias e Brumelow (1996, in Cauffman et al, 2008) realizaram um estudo onde compararam a pontuação na escala de impulsividade de Barratt em alunos do ensino médio, comparativamente a alunos de faculdade. Resultados mais elevados foram encontrados no grupo de alunos mais jovens. No entanto os autores atribuem os resultados a um efeito de filtragem, assumindo a possibilidade de que uma grande percentagem dos estudantes do ensino médio que apresentaram valores de impulsividade muito elevados não prosseguirem os estudos para a faculdade.

Assim, embora existam alguns estudos que sugerem um declínio progressivo na impulsividade da infância para a adolescência e desta para a idade adulta existe também a clara necessidade de se continuar a estudar esta temática.

4.2.5. Impulsividade e funções executivas

Constructos como a impulsividade podem ser associados a deficiências nas funções executivas do cérebro, localizadas nos lobos frontais. Essas funções incluem a manutenção da atenção e da concentração, do raciocínio abstrato e da formação de conceitos, da formulação de objetivos, da previsão e do planejamento, da programação e da iniciação de sequências intencionais do comportamento motor, automonitorização, comportamentos autoconscientes eficazes e inibição de comportamentos inadequados ou impulsivos (Moffit & Henry, 1991, in Debarbieux & Blaya, 2002).

É, também, interessante constatar que no estudo longitudinal-experimental de Montreal, que consiste num acompanhamento em mais de 1100 crianças, de idade superior a 6 anos, acerca da mensuração das funções executivas com base em testes cognitivo-neuropsicológicos, aplicados aos 14 anos, constituíram a impulsividade como o principal fator de discriminação entre jovens violentos e não violentos. Essa relação é sustentada

independentemente do grau de adversidade das circunstâncias familiares (Seguin et al., 1995, in Debarbieux, & Blaya, 2002).

Em suma, é fácil de concluir que, ao longo dos anos, o fenómeno da delinquência juvenil tem sido amplamente estudado e que atualmente é de opinião geral que os fatores individuais representam um papel importante, podendo fornecer uma ajuda essencial no que concerne à prevenção. No seio destes fatores, têm-se destacado, como fortes preditores do comportamento delinquente, os constructos *busca de sensações* e *impulsividade*. Assim, será a esse que será dedicada maior atenção e sobre os quais este estudo se propõe debruçar.

5. Conclusão

Ao analisar parte da literatura existente é fácil concluir que o fenómeno da delinquência juvenil não se reduz a uma definição simplista, uma vez que se revela como uma problemática multidimensional abrangendo um distinto conjunto de fatores e de dinâmicas que o tornam um fenómeno de enorme complexidade.

É bastante claro que o fenómeno da delinquência juvenil é um problema social sério, que requer intervenções imediatas, quer a nível da prevenção quer no que concerne ao acompanhamento dos jovens.

Como refere Born (2005, in Dias, 2012), a passagem ao ato, quer seja muito ou pouco grave, é o resultado de um percurso pessoal do jovem. Por sua vez um outro jovem poderá encontrar condutas não delinquentes para alcançar os seus objetivos ou para resolver uma situação problemática. Assim, e considerando que a literatura aborda diversos fatores que apresentam um risco elevado quanto à *delinquência juvenil*, a *busca de sensações* e a *impulsividade* foram aqueles sobre os quais nos debruçamos ao longo deste enquadramento teórico.

Capítulo 2 - Estudo Empírico

1. Introdução

O presente estudo tem como principal objetivo analisar a relação de algumas características individuais dos sujeitos e a prática de atos antissociais e delinquentes. Para a recolha de dados recorreu-se ao método quantitativo com a aplicação de um questionário a uma amostra constituída por dois grupos de jovens. Um grupo de jovens sinalizados a uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens por assumirem comportamentos antissociais e delinquentes, e outro grupo constituído por jovens sem comportamentos de risco. A análise estatística dos dados foi efetuada com recurso ao programa IBM SPSS Statistics versão 22.

Serão primeiramente, neste capítulo, apresentados os objetivos e hipóteses de investigação, seguindo-se da descrição e análise da amostra, assim como do método de recolha de dados e o instrumento utilizado. Seguidamente são apresentados os dados, a sua análise, discussão e considerações finais.

2. Objetivos e hipóteses de investigação

Tendo em consideração a análise da literatura realizada sobre a temática da delinquência juvenil definiu-se como principal objetivo para este estudo a análise de dois fatores individuais considerados como fundamentais no estudo da mesma. Assim, esta investigação objetiva analisar e comparar os resultados obtidos relativamente a uma *Escala de Busca de Sensações* e uma *Escala de Impulsividade* nos dois grupos de jovens, *Jovens delinquentes* e *Jovens não delinquentes*.

As hipóteses de investigação definidas para este estudo são:

1. O grupo *jovens delinquentes* tem um número de retenções em anos letivos significativamente maior do que o grupo *jovens não delinquentes*.
2. O grupo *jovens delinquentes* tem resultados significativamente mais elevados na *escala de busca de sensações*, comparativamente ao grupo de *jovens não delinquentes*.
3. O grupo *jovens delinquentes* obteve resultados significativamente mais elevados na *escala de impulsividade*, comparativamente ao grupo *jovens não delinquentes*.
4. Existem diferenças de género estatisticamente significativas relativamente à *escala de busca sensações* no grupo *jovens delinquentes*.

5. Existem diferenças de género estatisticamente significativas relativamente à *escala de impulsividade* no grupo *jovens delinquentes*.

3. Método

3.1. Caracterização da Amostra

Tendo em consideração a amostra pretendida para o presente estudo, assim como o trabalho por mim desenvolvido durante o estágio curricular, considerou-se pertinente para o desenvolvimento desta investigação contar com um grupo de jovens sinalizado a uma CPCJ por Comportamento antissociais e delinquentes e, por sua vez, um grupo recolhido aleatoriamente numa escola da mesma zona.

Assim, a amostra é constituída por 79 jovens, 41 do sexo feminino e 38 do sexo masculino (Quadro 1), com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos (Quadro 2). A mesma encontra-se dividida em 2 grupo, *Jovens delinquentes* e *Jovens não delinquentes*.

No que concerne ao estado civil, todos os jovens se encontravam, no momento da aplicação do questionário, solteiros. 78 dos 79 participantes são de nacionalidade portuguesa e, relativamente ao grupo étnico a grande maioria dos sujeitos, 77 dos 79, responderam *etnia caucasiana* e 2 participantes responderam *africano* e *asiático*, respetivamente.

Quadro 1

		Sexo	
		Femino Contagem	Masculino Contagem
Grupo em que se insere	Jovens delinquentes	12	20
	Jovens não delinquentes	29	18

Quadro 2

		Idade Média
		Grupo em que se insere
	Jovens não delinquentes	14

A recolha da amostra do grupo *Jovens delinquentes* foi realizada durante o estágio curricular e efetuou-se numa CPCJ do distrito do Porto. Os questionários foram aplicados individualmente após o atendimento num gabinete onde apenas se encontravam a investigadora e o jovem em questão. Por sua vez, a recolha da amostra do grupo de *Jovens não delinquentes* realizou-se numa escola do mesmo distrito, tendo os questionários sido aplicados em turma pela Assistente Social da mesma escola, visto ter-se tornado inviável, por regras da escola, a possibilidade de ser a investigadora a aplicar os mesmos. Durante a recolha do grupo de controlo foi tido em consideração o facto de não aplicar questionários a jovens em acompanhamento em CPCJ ou com comportamentos delinquentes identificados pela escola.

Relativamente ao ano de escolaridade conclui-se que todos os jovens que se encontravam a estudar frequentavam entre o 6º e o 10º ano de escolaridade e foi ainda possível verificar que 3 dos 32 jovens que formam o grupo *Jovens delinquentes* tinham, aquando da aplicação do questionário, já abandonado a escola (quadro 3).

Quadro 3

			Em que ano de escolaridade se encontra?						Total
			10º	6º	7º	8º	9º	não estuda	
Grupo em que se insere	Jovens delinquentes	Contagem	4	4	10	4	7	3	32
		% em Grupo em que se insere	12,5%	12,5%	31,3%	12,5%	21,9%	9,4%	100,0%
	Jovens não delinquentes	Contagem	0	0	10	24	13	0	47
		% em Grupo em que se insere	0,0%	0,0%	21,3%	51,1%	27,7%	0,0%	100,0%
Total		Contagem	4	4	20	28	20	3	79
		% em Grupo em que se insere	5,1%	5,1%	25,3%	35,4%	25,3%	3,8%	100,0%

Por fim, no que concerne às retenções verifica-se que 27 dos 32 jovens que apresentam comportamentos delinquentes já ficaram retidos em um ou mais anos letivos, contrastando com os apenas 15 dos 47 jovens do outro grupo (Quadro 4).

Quadro 4

		No seu percurso escolar, alguma vez ficou retido?	
		Sim Contagem	Não Contagem
Grupo em que se insere	Jovens delinquentes	27	5
	Jovens não delinquentes	15	32

3.2 Instrumento

Para a implementação deste estudo foi aplicado um questionário adaptado de Chitas (2010) que engloba as várias dimensões que se pretendem estudar para responderem às hipóteses de investigação enunciadas. Assim, o instrumento encontra-se dividido em cinco partes, que seguidamente serão descritas, num total de 42 variáveis (cf. Tabela 1).

Caracterização Sociodemográfica

A Parte 1 do questionário é composta por um conjunto de 5 itens relativos à caracterização sociodemográfica dos participantes. Assim, nesta parte inicial era pretendido recolher informações acerca de: Sexo, Idade, Nacionalidade, Estado Civil e Grupo Étnico (Anexo B).

Caracterização da situação escolar

A Parte 2 é constituída por itens que abordam a situação escolar atual, ou seja, se atualmente se encontra a estudar, ano de escolaridade ou último ano concluído e ainda por itens que abordam as retenções em anos letivos (Anexo C).

Caracterização da situação familiar

A Parte 3 é composta por um conjunto de questões que abordam a composição do agregado familiar e a situação de emprego e escolaridade dos pais ou encarregado de educação (Anexo D).

Caracterização individual

Os itens que compõem a Parte 4 do instrumento dividem-se em duas escalas: *escala de busca de sensações* e *escala de impulsividade*.

- Escala de busca de sensações

A escala utilizada é uma versão reduzida da *Escala de Sensation Seeking* versão V Zuckerman (1978) adaptado de Chitas (2010) (Anexo E) que selecionou um total de oito itens, os quais questionam os jovens acerca do seu grau de concordância com uma determinada afirmação e perante os quais estes devem selecionar a opção de resposta que melhor descreve a sua forma de sentir e ser, numa escala de 5 pontos, sendo que a um extremo corresponde “Discordo totalmente” e a outro “Concordo totalmente”.

A escala é composta por dois itens de cada uma das quatro dimensões identificadas por Zuckerman: a primeira dimensão - Busca de Aventura e Emoção (*Thrill and Adventure Seeking*) - itens 5 e 6 - encontra-se mais relacionada com o desejo de envolvimento em desportos e outras atividades que envolvem perigo e velocidade; a segunda dimensão - Busca de Experiências (*Experience Seeking*) - itens 1 e 2 - está relacionada com a procura de experiências através da mente, sentidos, viagens e estilo de vida não conformista; a terceira dimensão - Desinibição (*Desinhibition*) - itens 7 e 8 - reporta-se ao desejo de desinibição social e sexual expresso a partir do uso do álcool, participação em festas excitantes e variedade de parceiros e experiências sexuais; a quarta dimensão - Suscetibilidade ao Aborrecimento (*Boredome Susceptibility*) - itens 3 e 4 - encontra-se relacionada com a intolerância à rotina, à repetição, às pessoas previsíveis e aborrecidas e aos sentimentos de desconforto quando não existe mudança (in Chitas, 2010).

- Escala de impulsividade

A escala de impulsividade é uma versão reduzida da Escala de Impulsividade de Wills (2007), adaptada, também, por Chitas (2010). Assim, a autora reduziu a escala de 15 para 8 itens, nos quais é pedido aos jovens para selecionar a opção que melhor se aplica ao seu comportamento habitual, numa escala de 5 pontos, encontrando-se num extremo a opção “Nada verdadeiro” e no extremo oposto “Muito verdadeiro”. A escala subdivide-se em dois fatores: o primeiro fator é composto por cinco itens relacionados com a dificuldade do sujeito em controlar o seu comportamento, agindo sem mediatizar a ação através do pensamento, e o segundo fator reúne três itens respeitantes a uma gestão descontrolada do dinheiro (Chitas, 2010) (Anexo F).

Comportamentos antissociais

A parte 5 do instrumento corresponde aos comportamentos antissociais assumidos pelos jovens assim como a sua frequência. Esta caracteriza-se por um questionário de delinquência autorrevelada, adaptado por Chitas (2010), composto por vinte e seis itens com oito hipóteses de resposta, sendo que a um extremo corresponde “Nunca” e ao outro “Mais de 12 vezes” (Anexo G).

Os itens que integram esta escala foram construídos tendo por referência um conjunto de comportamentos já amplamente estudados na literatura sobre esta matéria e tendo sido agrupados por diferentes autores (Hawkins, 1988; Jessor, Donovan & Costa, 1989; Johnston, 1989, in Chitas, 2010) em três dimensões: *delinquência violenta*, que comporta as lutas de *gangs*, agressões físicas a outra pessoa ao ponto da mesma necessitar de tratamento médico, uso de armas para ameaçar ou agredir alguém (itens 7, 10, 11, 12,

13, 14 e 15); *crimes contra a propriedade* (itens 6, 22, 23, 24, e 26), que incluem forçar a entrada numa propriedade alheia, incendiar carros, danificar imóveis, equipamentos e materiais, furtar artigos em lojas; *indisciplina*, que engloba um conjunto de problemas na escola ou em casa, nomeadamente: faltar às aulas, suspensão ou expulsão da escola, fugas de casa, ficar uma noite fora de casa sem autorização da família (itens 1, 4, 8 e 9) (in Chitas, 2010).

Tabela 1. Organização do questionário

Partes	Questões	Número de variáveis
Questões de controlo de preenchimento	-	1
Parte 1 - Caracterização Socio-Demográfica	5	5
Parte 2 - Caracterização da Situação Escolar	2	6
Parte 3 - Caracterização da Situação Familiar	3	7
Parte 4 - Caracterização Individual	2	16
Parte 5 - Comportamentos Antissociais	1	26

3.3 Procedimento

Uma vez que as escalas utilizadas neste estudo já se encontravam traduzidas e adaptadas para a população portuguesa, não foi necessário proceder a qualquer tradução ou adaptação.

No que concerne às instituições onde foram aplicados os questionários, o grupo referente aos *jovens delinquentes* foi recolhido numa Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da zona do Grande Porto onde foi realizado o meu estágio curricular, e o grupo de *jovens não delinquentes* foi recolhido numa escola da mesma área.

Para se proceder à recolha de dados na CPCJ foi, primeiramente, entregue aos encarregados de educação um pedido de autorização (Anexo A) onde era explicado o objetivo do estudo, ressaltando que se inseria no âmbito de estudo para a elaboração de uma Dissertação de Mestrado do Mestrado Integrado em Psicologia a ser desenvolvido na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e que os dados seriam utilizados apenas para esse fim. Foi ainda explicado a todos os sujeitos que a

sua participação era voluntária e que o anonimato e confidencialidade dos dados eram garantidos.

A recolha de dados do grupo *jovens não delinquentes* foi realizada numa escola do distrito do Porto e os questionários foram distribuídos pela Assistente Social da escola, a quem foi exposto e explicado o objetivo da investigação, visto a inviabilidade de estes serem aplicados de outra forma. Assim foi, também, mais fácil garantir que nenhum dos jovens a quem os questionários foram aplicados eram acompanhados, quer na escola quer por uma CPCJ, por problemas comportamentais. O procedimento foi idêntico ao acima descrito, tendo sido distribuídos os pedidos de autorização aos alunos para que posteriormente os devolvessem assinados pelos encarregados de educação e só após concluída essa fase lhes foi aplicado o questionário. Foi-lhes igualmente explicado o objetivo de estudo e garantido o anonimato e confidencialidade.

Durante a aplicação do instrumento foi sempre esclarecida qualquer dúvida que tenha surgido, no entanto, no geral, o questionário não suscitou dúvidas aos jovens. A duração da aplicação variou de jovem para jovem mas considera-se que o tempo médio de foi de cerca de 15 minutos.

4. Resultados

A análise dos resultados obtidos foi realizada através do programa IBM SPSS versão 22. A análise de todo o estudo recorre ao método quantitativo e encontra-se organizada de acordo com as hipóteses de investigação anteriormente apresentadas.

Para a análise dos resultados recorreu-se a *testes t* para amostras independentes, para o qual definimos um intervalo de confiança de 95% e um nível de significância de 5%, assim assume-se que existem diferenças significativas quando $p \leq 0.05$. Recorreu-se ainda ao teste *qui-quadrado* para variáveis nominais.

4.1. Hipótese de investigação 1 - O grupo *jovens delinquentes* tem um número de retenções em anos letivos significativamente maior do que o grupo *jovens não delinquentes*.

Para se proceder à verificação da primeira hipótese de investigação recorreu-se à tabulação cruzada e conseqüentemente ao teste *qui-quadrado* para variáveis nominais.

Assim, foi possível verificar que, quanto ao número de retenções, os jovens que formam o grupo *Jovens delinquentes* apresentam valores mais elevados (M=2,50; DP=1,48) do que os jovens que incluem o grupo de controlo (M=0,53; DP=0,88) (Quadro 5).

Quadro 5

	Grupo em que se insere	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Quantas retenções teve?	Jovens delinquentes	30	2,50	1,480	,270
	Jovens não delinquentes	47	,53	,881	,129

As diferenças observadas entre os dois grupos são estatisticamente significativas ($p=.00 \leq .05$) (Quadro 6), podendo assim ser possível afirmar com 95% de certeza que, relativamente a esta amostra, os jovens que apresentam comportamentos delinquentes apresentam um número de retenções em anos letivos significativamente superior ao dos jovens sem problemas comportamentais, confirmando, assim, a primeira hipótese de investigação formulada.

Quadro 6

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Quantas retenções teve?	Variâncias iguais assumidas	12,758	,001	7,323	75	,000	1,968
	Variâncias iguais não assumidas			6,579	42,244	,000	1,968

4.2. Hipótese de investigação 2 - O grupo *jovens delinquentes* tem resultados significativamente mais elevados na *escala de busca de sensações*, comparativamente ao grupo de *jovens não delinquentes*.

No que concerne à verificação da segunda hipótese de investigação, para que fosse possível analisar os resultados de cada jovem para toda a *escala de busca de sensações* procedeu-se ao cálculo da variável (Menu *Analisar - Calcular variável*) criando assim uma nova variável com a média de resultados de cada jovem aos 8 itens da escala. Também, para que fosse possível analisar os resultados obtidos em cada uma das quatro dimensões (Busca de Aventura e Emoção, Busca de experiências, Aborrecimento e Desinibição),

recorreu-se ao mesmo processo, criando quatro novas variáveis que refletem a média dos resultados obtidos nos dois itens que compõe cada dimensão. Por fim, recorreu-se à utilização do teste *t* para amostras independentes.

É possível verificar que, no que concerne ao valor obtido na *Escala de Busca de Sensações*, existe uma ligeira diferença entre os dois grupos, *Jovens delinquentes* (M=3,46; DP=.62) e *Jovens não delinquentes* (M=3,40; DP=.66) obtendo o primeiro grupo valores mais elevados (Quadro 7).

Quadro 7

	Grupo em que se insere	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Escala de Busca de Sensações	Jovens delinquentes	32	3,4688	,62621	,11070
	Jovens não delinquentes	47	3,4069	,66832	,09748

No entanto, os resultados obtidos não são estatisticamente significativos ($p=.68>.05$) (Quadro 8).

Quadro 8

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Escala de Busca de Sensações	Variâncias iguais assumidas	,630	,430	,414	77	,680	,06184
	Variâncias iguais não assumidas			,419	69,540	,676	,06184

Quando nos focamos nos resultados de ambos os grupos relativamente às quatro dimensões da escala é possível verificar que a diferença entre os dois grupos é mínima chegando a ser encontrados valores mais elevados para o grupo de *jovens não delinquentes* em duas das dimensões. Assim, para a dimensão *Busca de experiências*, os *jovens delinquentes* (M=3,50; DP=0,90) obtiveram um valor ligeiramente inferior aos dos *jovens não delinquentes* (M=3,59; DP=0,95). O mesmo se verifica quanto à dimensão *Busca de aventura e emoção* - *jovens delinquentes* (M=3,20; DP=0,86), *jovens não delinquentes* (M=3,28; DP=0,93). Relativamente à dimensão *Aborrecimento*, os *jovens delinquentes* (M=3,48; DP=0,75) registaram resultados superiores aos do grupo de controlo (M=3,38;

DP=0,86), o mesmo se verifica na dimensão *Desinibição - jovens delinquentes* (M=3,68; DP=0,87), *jovens não delinquentes* (M=3,36; DP=0,94) (Quadro9).

Quadro 9

	Grupo em que se insere	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Busca de experiências	Jovens delinquentes	32	3,5000	,90696	,16033
	Jovens não delinquentes	47	3,5957	,95347	,13908
Aborrecimento	Jovens delinquentes	32	3,4844	,75652	,13374
	Jovens não delinquentes	47	3,3830	,86736	,12652
Busca de Aventura e Emoção	Jovens delinquentes	32	3,2031	,86937	,15368
	Jovens não delinquentes	47	3,2872	,93102	,13580
Desinibição	Jovens delinquentes	32	3,6875	,87759	,15514
	Jovens não delinquentes	47	3,3617	,94812	,13830

Como esperado após a análise do quadro acima, os valores registados pelos jovens de ambos os grupos para as quatro dimensões não são estatisticamente significativos: *Busca de experiências* ($p=.65>.05$); *Aborrecimento* ($p=.59>.05$); *Busca de Aventura e Emoção* ($p=.68>.05$); *Desinibição* ($p=.12>.05$) (Quadro 10).

Assim, contrariamente à literatura estudada, onde autores como Formiga et al (2007, in Zappe & Dias, 2010) identificaram uma relação positiva entre a busca de sensações de intensidades e novidades, e o comportamento agressivo físico e verbal, raiva e hostilidade. Ou ainda Donohew et al (1999, in Formiga et al, 2008), que a partir de instrumento de Zuckerman observaram que o sujeito que apresenta valores mais elevados relativamente à *busca de sensação*, tem maior probabilidade de enveredar por comportamentos antissociais, conclui-se que a segunda hipótese de investigação não se verifica, não sendo possível afirmar que existem diferenças significativas entre os dois grupos quer na média geral da *Escala de Busca de Sensações* quer em cada uma das suas dimensões.

Quadro 10

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Busca de experiências	Variâncias iguais assumidas	,009	,927	-,447	77	,656	-,09574
	Variâncias iguais não assumidas			-,451	68,911	,653	-,09574
Aborrecimento	Variâncias iguais assumidas	2,189	,143	,537	77	,593	,10140
	Variâncias iguais não assumidas			,551	72,295	,583	,10140
Busca de Aventura e Emoção	Variâncias iguais assumidas	,357	,552	-,405	77	,687	-,08411
	Variâncias iguais não assumidas			-,410	69,681	,683	-,08411
Desinibição	Variâncias iguais assumidas	,613	,436	1,545	77	,127	,32580
	Variâncias iguais não assumidas			1,568	70,040	,121	,32580

4.3. O grupo *jovens delinquentes* obteve resultados significativamente mais elevados na *escala de impulsividade*, comparativamente ao grupo *jovens não delinquentes*.

Para ser possível verificar a terceira hipótese de investigação procedeu-se, novamente, ao cálculo da variável, criando assim uma variável que se refere à média de valores obtidos por cada jovem nos 8 itens da escala.

Assim, efetuamos uma análise descritiva onde pudemos verificar que a média obtida na *Escala de impulsividade* é mais elevada para o grupo de *jovens delinquentes* (M=3,06; DP=0,76) do que para o grupo *jovens não delinquentes* (M=1,95; DP=0,63) (Quadro 11).

	Grupo em que se insere	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Escale de Impulsividade	Jovens delinquentes	32	3,0625	,76134	,13459
	Jovens não delinquentes	47	1,9548	,63118	,09207

Quadro 11

Para verificar se os resultados obtidos são significativos, estando assim de encontro com literatura encontrada, que sugere que o comportamento delincente é o resultado de

défices no controlo dos impulsos (Barratt & Patton, 1983; Eysenck & Eysenck, 1977; Robbins & Bryan, 2004; Romero, Luengo, & Sobral, 2001, *cit in* Carrol et al, 2006), e que os individuos impulsivos são mais propensos a enveredar por condutas que violam as normas sociais, incluindo a delinquência (Vazsonyi et al, 2006), realizou-se um *teste t de student* para amostras independentes.

Os resultados obtidos mostram que as diferenças entre os dois grupos em relação à *Escala de impulsividade* são de fato estatisticamente significativas, $p=.00\leq.05$ (Quadro 12).

Deste modo, podemos concluir que a hipótese inicialmente formulada se comprova, estando os resultados de acordo com a literatura estudada.

Quadro 12

	Grupo em que se insere	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Escala de Impulsividade	Jovens delinquentes	32	3,0625	,76134	,13459
	Jovens não delinquentes	47	1,9548	,63118	,09207

Por fim, verificamos ainda se existiam diferenças significativas entre os grupos em todos os itens da escala. Como é possível verificar no Quadro 13, podemos afirmar que as diferenças são significativas para cada um dos itens.

Quadro 13

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Indiquem em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual: Costumo gastar o meu dinheiro logo que o recebo.	Variâncias iguais assumidas	,852	,359	2,487	77	,015	,676
	Variâncias iguais não assumidas			2,410	59,191	,019	,676
Indiquem em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual: Preciso de me controlar muito para evitar sarilhos.	Variâncias iguais assumidas	,010	,922	4,544	77	,000	1,104
	Variâncias iguais não assumidas			4,530	66,000	,000	1,104
Indiquem em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual: Sou uma pessoa impulsiva.	Variâncias iguais assumidas	,889	,349	3,921	77	,000	1,016
	Variâncias iguais não assumidas			4,014	71,775	,000	1,016

Indiquem em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual: Costumo fazer coisas sem parar para pensar.	Variâncias iguais assumidas	5,396	,023	4,734	77	,000	1,151
	Variâncias iguais não assumidas			4,476	53,503	,000	1,151
Indiquem em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual: Costumo ter problemas porque faço coisas sem parar para pensar.	Variâncias iguais assumidas	8,985	,004	5,214	77	,000	1,313
	Variâncias iguais não assumidas			4,898	52,031	,000	1,313
Indiquem em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual: Tenho dificuldades em poupar dinheiro para comprar alguma coisa semanas depois	Variâncias iguais assumidas	17,884	,000	8,047	77	,000	1,803
	Variâncias iguais não assumidas			7,218	42,902	,000	1,803

4.4. Hipótese de Investigação 4 - Existem diferenças de género estatisticamente significativas relativamente à *escala de busca sensações no grupo jovens delinquentes*.

Segundo a literatura existente, os homens apresentam maiores níveis de busca de sensações do que as mulheres em todas as dimensões da escala, exceto na *busca de experiências* (White et al., 1985, in Brochado, 2010). Também Cross et al. (2013) referem que os indivíduos do sexo masculino apresentam valores mais elevados na medida de *busca de sensações*, definida como uma vontade de se envolver em atividades novas ou intensas.

Neste sentido, e para que fosse possível perceber se existem diferenças significativas relativamente à *busca de sensações* na nossa amostra de *jovens delinquentes*, procedeu-se à elaboração de uma nova base de dados, desta vez apenas com os resultados do grupo de *jovens delinquentes*. Assim temos, neste grupo um total de 32 jovens, 12 do sexo feminino e 20 do sexo masculino.

Ao efetuar uma análise descritiva dos dados pode-se imediatamente verificar que os resultados da nossa amostra se encontram em completo desacordo com a literatura encontrada, tendo os sujeitos do sexo masculino obtido uma média de valores mais baixa (M=3,43; DP=0,61) comparativamente aos sujeitos do sexo feminino (M=3,53; DP=0,66) (Quadro 14).

Quadro 14

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Escala de Busca de Sensações	Femino	12	3,5313	,66599	,19225
	Masculino	20	3,4313	,61569	,13767

Procedeu-se ainda à realização de um *teste t de student* para verificar se a diferença entre os géneros era estatisticamente significativa (Quadro 15), o que não se verifica ($p=.66>.05$).

Quadro 15

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Escala de Busca de Sensações	Variâncias iguais assumidas	,146	,705	,432	30	,669	,10000
	Variâncias iguais não assumidas			,423	21,848	,677	,10000

No que concerne às quatro dimensões: *Busca de experiências*, *Intolerância ao Aborrecimento*, *Busca de aventura e emoção* e *Desinibição*, em nenhuma delas é possível encontrar diferenças significativas, estando estes resultados, mais uma vez, em oposição à literatura existente (Quadro 16 e 17).

Quadro 16

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Busca de experiências	Femino	12	3,5417	1,03261	,29809
	Masculino	20	3,4750	,85031	,19013
Aborrecimento	Femino	12	3,4583	,83824	,24198
	Masculino	20	3,5000	,72548	,16222
Busca de Aventura e Emoção	Femino	12	3,2083	,96433	,27838
	Masculino	20	3,2000	,83351	,18638
Desinibição	Femino	12	3,9167	,99620	,28758
	Masculino	20	3,5500	,79306	,17733

Quadro 17

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Busca de experiências	Variâncias iguais assumidas	,860	,361	,198	30	,844	,06667
	Variâncias iguais não assumidas			,189	19,867	,852	,06667
Aborrecimento	Variâncias iguais assumidas	,838	,367	-,148	30	,883	-,04167
	Variâncias iguais não assumidas			-,143	20,690	,888	-,04167
Busca de Aventura e Emoção	Variâncias iguais assumidas	,016	,902	,026	30	,980	,00833
	Variâncias iguais não assumidas			,025	20,668	,980	,00833
Desinibição	Variâncias iguais assumidas	,939	,340	1,150	30	,259	,36667
	Variâncias iguais não assumidas			1,085	19,337	,291	,36667

Assim, podemos concluir que a quarta hipótese de investigação não se verifica, não tendo sido possível encontrar qualquer diferença significativa entre participantes do sexo feminino e masculino quanto à *escala de busca de sensações* ou em qualquer das suas quatro dimensões.

4.5. Hipótese de investigação 5 - Existem diferenças de género estatisticamente significativas relativamente à *escala de impulsividade* no grupo *jovens delinquentes*.

Embora vários estudos tenham vindo a demonstrar que os homens são, em regra, igual ou mais impulsivos do que as mulheres, existem também estudos que referem não existir diferenças entre os géneros no que à impulsividade diz respeito, como é o caso do estudo de Marsee, Silverthorn e Frick (2005, in Pechorro et al., 2012) onde os autores investigaram a associação das tendências psicopáticas com a agressão e a delinquência numa amostra mista não tendo sido encontradas diferenças de género claras na associação dos traços de impulsividade.

Assim, para perceber se, relativamente à amostra aqui estudada, existem diferenças significativas relativamente à *impulsividade*, recorreu-se à nova base de dados acima descrita, que abrange apenas os *jovens delinquentes* e efetuamos uma análise descritiva. De imediato podemos verificar que, em oposição à literatura, nesta amostra existem diferenças entre os géneros e os valores mais elevados na *escala de impulsividade* corresponde aos

sujeitos do sexo feminino (M=3,40; DP=0,77) e não ao sexo masculino (M=2,85; DP=0,69) como é sugerido por alguns estudos (Quadro 18).

Quadro 18

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Escala de Impulsividade	Femino	12	3,4063	,77262	,22304
	Masculino	20	2,8563	,69334	,15503

Para perceber se as diferenças encontradas são estatisticamente significativas, procedeu-se à realização de um *teste t de student* (Quadro 19). Assim, concluímos que relativamente à amostra aqui estudada existem diferenças significativas entre sexos ($p=.046$), sendo o sexo feminino a obter os valores mais elevados.

Quadro 19

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Escala de Impulsividade	Variâncias iguais assumidas	,094	,761	2,082	30	,046	,55000
	Variâncias iguais não assumidas			2,025	21,317	,056	,55000

Apesar dos dados encontrados optamos por realizar também um *teste t de student* para cada um dos oito itens da *escala de busca de impulsividade* para perceber se as diferenças acima encontradas se verificam para cada um dos itens individualmente. Assim, com esta análise é possível perceber que apenas se verificam diferenças significativas quanto ao item “Tenho dificuldade em poupar dinheiro para comprar alguma coisa semanas depois” ($p=.009$). Em todos os outros sete itens não se verificam diferenças estatisticamente significativas (Quadro 20). Assim, conclui-se que as diferenças encontradas na escala não podem ser consideradas significativas, visto serem devidas a diferenças encontradas em apenas um dos oito itens. Conclui-se assim que a hipótese de investigação 5 não se verifica.

Quadro 20

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias			
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média
Costumo gastar o meu dinheiro logo que o recebo.	Variâncias iguais assumidas	1,642	,210	1,542	30	,134	,717
	Variâncias iguais não assumidas			1,420	17,895	,173	,717
Preciso de me controlar muito para evitar sarilhos.	Variâncias iguais assumidas	,648	,427	,506	30	,617	,200
	Variâncias iguais não assumidas			,495	21,811	,625	,200
Sou uma pessoa impulsiva.	Variâncias iguais assumidas	,009	,927	1,417	30	,167	,533
	Variâncias iguais não assumidas			1,437	24,302	,164	,533
Costumo fazer coisas sem parar para pensar.	Variâncias iguais assumidas	1,259	,271	1,874	30	,071	,817
	Variâncias iguais não assumidas			1,800	20,454	,087	,817
Costumo ter problemas porque faço coisas sem parar para pensar.	Variâncias iguais assumidas	,784	,383	1,197	30	,241	,567
	Variâncias iguais não assumidas			1,169	21,636	,255	,567
Tenho dificuldades em poupar dinheiro para comprar alguma coisa semanas depois	Variâncias iguais assumidas	,033	,856	2,804	30	,009	1,200
	Variâncias iguais não assumidas			2,771	22,440	,011	1,200
Não compreendo porque é que as pessoas poupam o seu dinheiro quando poderiam gastá-lo logo.	Variâncias iguais assumidas	1,243	,274	-,213	30	,833	-,100
	Variâncias iguais não assumidas			-,218	25,208	,829	-,100
Costumo falar rapidamente antes de pensar sobre as coisas.	Variâncias iguais assumidas	,132	,719	1,109	30	,276	,467
	Variâncias iguais não assumidas			1,108	23,253	,279	,467

5. Discussão de resultados

Os resultados anteriormente apresentados serão agora discutidos nesta secção em função das conclusões alcançadas pela literatura e investigações relevantes. Ainda nesta fase do estudo serão realçadas as limitações encontradas ao longo da investigação, as fragilidades e contributos da mesma e, por fim, algumas sugestões para futuras investigações.

Considera-se ainda relevante referir que, tendo clara noção de que a literatura existente em muito se foca na relação entre a delinquência juvenil e o abuso de substâncias foi nossa opção distanciar o presente estudo dessas questões.

5.1. Delinquência juvenil e aproveitamento escolar

Vários estudos mostraram que, em geral, na infância, fatores como a desatenção e hiperatividade têm uma associação mais elevada com desempenho acadêmico do que a agressividade. No entanto, quando nos focamos na adolescência, comportamentos antissociais e delinquência estão claramente ligados a problemas acadêmicos (Hinshaw, 1992 in D'Abreu & Marturano, 2010).

Assim, ao analisar os resultados da nossa amostra foi possível perceber que, apesar desta ser limitada, quer por serem apenas 79 sujeitos, quer por os questionários terem sido aplicados em apenas dois contextos, os nossos resultados vão de encontro à literatura, tendo-se verificado que os jovens com assumiam comportamentos delinquentes tinham ficado retidos em anos letivos um número significativamente superior de vezes.

Ao aprofundar mais a literatura torna-se claro que, de forma a melhorar os resultados desta investigação, para além da necessidade de uma amostra maior e mais abrangente, seria de interesse acrescido estudar as diferenças relativamente ao aproveitamento escolar tendo em atenção os diferentes comportamentos antissociais assumidos e a precocidade dos mesmos. Neste sentido, autores como Masten et al. (2005 in D'Abreu & Marturano, 2010), constataram que problemas como a oposição, agressão ou impulsividade evidentes na infância prejudicam o desempenho escolar na adolescência. É também referida a associação entre comportamentos marcados por oposição, agressão, hiperatividade, impulsividades, desafio e manifestações antissociais e baixas habilitações académicas com relatos de identificação precoce já na pré-escola (Arnold, 1997 in D'Abreu & Marturano, 2010).

5.2. Delinquência e Busca de sensações

No que concerne aos valores alcançados na variável *escala de busca de sensações* foi possível verificar uma ligeira diferença entre os grupos, *jovens delinquentes* e *jovens não delinquentes*. No entanto verificamos que os resultados não se revelaram estatisticamente significativos quer no que diz respeito à escala, no geral, quer em cada uma das quatro dimensões, em particular.

Assim, os resultados encontrados não vão de encontro à literatura existente, visto ser da opinião de diversos autores que os sujeitos que apresentam valores mais elevados no que concerne à *busca de sensações* têm uma maior probabilidade de cometer atos antissociais (Donohew et al., 1999, in Formiga, Aguiar, & Omar, 2008).

Considera-se que os resultados encontrados são, mais uma vez, devidos à reduzida amostra e ainda, ao método de aplicação das escalas. Como foi anteriormente referido, no que diz respeito ao grupo *jovens delinquentes* o questionário foi aplicado individualmente, enquanto para o grupo *jovens não delinquentes* foi aplicado em turma o que poderá, na nossa opinião, ter influenciado, de alguma forma, a resposta de alguns sujeitos. Assume-se que essa terá sido uma das limitações que poderá ter enviesado alguns dos resultados. Assim, para investigações futuras, considera-se essencial que se recorra ao mesmo modo de aplicação do questionário em ambos os grupos e ainda a um aumento significativo do número de participantes da amostra bem como a sua diversidade.

5.3. Delinquência e Impulsividade

No que respeita à *escala de impulsividade*, os resultados encontrados para a nossa amostra, e apesar de algumas limitações já anteriormente apontadas, corroboram a literatura que afirma que o comportamento delincente é o resultado de défices no controlo dos impulsos (Barratt & Patton, 1983; Eysenck & Eysenck, 1977; Robbins & Bryan, 2004; Romero, Luengo, & Sobral, 2001, *cit in* Carrol et al, 2006) e que, neste sentido, os indivíduos impulsivos são mais propensos a enveredar por condutas que violam as normas sociais, como é o caso da delinquência (Vazsonyi et al, 2006).

Corroborando a literatura, e apesar das limitações da amostra, os resultados obtidos relativamente a esta escala são estatisticamente significativos. Considera-se possível que tenham sido encontrados resultados significativos para a *escala de impulsividade*, comparativamente à *escala de busca de sensações*, visto aqui serem abordadas questões que se referem ao comportamento habitual do jovem contrariamente a questões sobre o grau de concordância com algumas afirmações, como se verifica para a outra escala.

5.4. Diferenças de género

No que concerne às diferenças registadas entre os géneros nas pontuações da *escala de busca de sensações*, verificou-se que, relativamente a esta amostra não se obtiveram resultados significativos, nem na escala em geral nem em nenhuma das quatro dimensões. No entanto, atendendo à literatura, estudos anteriores comprovam que o género é uma

variável que determina valores mais elevados para os indivíduos do sexo masculino (Kazdin, 2000; White et al., 1985, Zuckerman, 1994 in Brochado, 2010).

Sendo os resultados obtidos nesta investigação oposto aos encontrados em estudos anteriores, considerando que apesar de não significativos, se chegou mesmo a encontrar resultados mais elevados para a raparigas do que para os rapazes, considera-se que estes são devidos, em grande parte, à reduzida amostra. Para esta hipótese de investigação foram apenas considerados os jovens com comportamentos delinquentes, ou seja, apenas 32 sujeitos, 12 do sexo feminino e 20 do sexo masculino. Sugere-se, assim, que para um futuro estudo que aborde as diferenças de género, seria fundamental uma maior e mais diversificada amostra.

Quanto às diferenças de género relativas à *escala de impulsividade*, e embora seja muitas vezes referido que os homens são, em regra, igual ou mais impulsivos do que as mulheres foram encontradas nesta amostra diferenças estatisticamente significativas que afirmam que os sujeitos do sexo feminino são mais impulsivos que os do sexo masculino. Mais uma vez, a probabilidade de estes dados se encontrarem enviesados pela dimensão da amostra é elevada pois, com uma amostra de apenas 32 sujeitos não seria sensato considerar que estes resultados predizem a realidade nacional.

Assim, mais uma vez, sugere-se o aprofundar desta questão com a aplicação da mesma escala a um grupo maior e mais abrangente de sujeitos para que deste modo seja possível retirar conclusões mais fiáveis.

5.5. Considerações finais: limitações, sugestões e contributos

Durante a elaboração desta dissertação deparamo-nos com algumas limitações que poderão ter, de alguma, influenciado os resultados obtidos.

A primeira limitação, e como já foi referido, prende-se com o tamanho da amostra, em especial do grupo de *jovens delinquentes*, o que limitou o tipo de análises feitas. Isto deveu-se ao facto de os dados referentes a este grupo terem sido recolhidos todos no mesmo local, uma CPCJ da área do distrito Porto, tendo-se verificado difícil o aumento da amostra deste grupo. Assim considera-se que seria importante aumentar o número de participantes da amostra bem como a sua diversidade. Para estudos futuros sugere-se uma recolha mais abrangente que pudesse abarcar jovens com problemas comportamentais de toda a zona do Grande Porto, quer realizada em CPCJs, no Centro Educativo, ou mesmo jovens referenciados pelas escolas. Quanto ao grupo de jovens sem problemas

comportamentais, considera-se que, da mesma forma, futuramente seria de relevo os dados serem recolhidos em várias escolas em vez de em apenas uma.

A segunda limitação do estudo remete-se à aplicação dos questionários. Como foi anteriormente referido, enquanto para o grupo *jovens delinquentes* os questionários foram aplicados individualmente num gabinete da CPCJ, para o grupo de *jovens não delinquentes* estes foram aplicados em turma. Esta questão remete-nos para uma outra limitação do estudo, a questão da desejabilidade social.

A exclusiva utilização do método quantitativo, que tem como ponto positivo o facto de permitir estabelecer facilmente relações de causalidade entre dois ou mais fenómenos, pode ser visto como uma limitação quando se estuda a delinquência juvenil, um fenómeno heterogéneo e complexo da realidade (Farrington, 1987; Fonseca, 2004; Luzes, 2010; Matos et al., 2009, in Negreiros, 2008), resultado de múltiplas influências biopsicossociais (Lösel, 2003, in Silva, 2012). Assim, este poderia ter sido melhor explicado se tivéssemos recorrido à utilização conjunta de métodos quantitativos e qualitativos e não apenas a medidas de autorrelato, com as quais podemos considerar a existência de algum enviesamento, dado que as respostas poderiam ser facilmente manipuláveis de forma a ir de encontro à desejabilidade social.

Por fim, é necessário referir que a escolha do tema a desenvolver nesta dissertação foi inicialmente algo difícil, tendo sido alterado, quer no que concerne ao tema em geral quer quanto às hipóteses a investigar. Por muito interesse que suscite o estudo de mais hipóteses, como as diferenças por tipos de comportamento antissocial ou por quanto à idade, seria necessário superar algumas das limitações de modo a ser possível obter resultados representativos da população.

No entanto, apesar das limitações verificadas, considera-se que este estudo tem um contributo positivo na compreensão e estudo do fenómeno da delinquência juvenil, reforçando a ideia de necessidade contínua de estudo desta temática.

6. Bibliografia

- Baptista, A. (2000) Adolescentes delinquentes. Da perda de confiança e outros desafios. *Infância e Juventude. Revista do Instituto de Reinserção Social / Ministério da Justiça*, 2, Abril – Junho, 97 – 115.
- Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Lisboa: Climpso editores.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa, Climepsi Editores.
- Brochado, S. (2010). *A busca de sensações em jovens do ensino básico: relação com a atividade antissocial*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, FPCE-UP, Porto.
- Buss, A. H., Plomin, R. A. (1975). *A temperature theory of personality development*. New York: Wiley.
- Carrol, A., Hemingway, F., Bower, J., Ashman, A., Houghton, S., & Durkin, K. (2006). Impulsivity in juvenile delinquency: differences among early – onset, late – onset, and non – offenders. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 519 – 529. DOI: 10.1007/s10964-006-9053-6.
- Cauffman, E., Farruggia, S., & Goldweber, A. (2008). Bad boys or poor parents: relations to female juvenile delinquency. *Journal of Research on Adolescence* , 18, 699-712.
- Chitas, V. (2010). *Consumo de droga e outros comportamentos de risco na adolescência*. Tese de Doutoramento em Psicologia, FPCE-UP, Porto.
- Claes, H., Vertommen, N. & Braspenning N. (2000) Psychometric properties of the Dickman Impulsivity Inventory. *Personality and Individual Differences* 29, Pergamos, (pp.27-35).

- D'Abreu, L., Marturano, E. (2010). *Associação entre comportamentos externalizantes e baixo desempenho escolar: uma revisão de estudos prospectivos e longitudinais*. Estudos de Psicologia (Natal), 15, 43-511.
- Debarbieux, E. e Blaya, C. (2002). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO.
- Dias, M. (2012). *Fatores de risco na delinquência juvenil: o grupo de pares, a impulsividade e o consumo de drogas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, FPCE-UP, Porto.
- Feldman, R., Olds, S., & Papalia, D. (2001). *O Mundo da criança*. New York: McGraw Hill.
- Fite, P; Colder, C., & O'Connor, R. (2006). Childhood behavior problems and peer selection and socialization: risk for adolescent alcohol use. *Addictive Behaviors*, 31, 1454 – 1459. DOI: 10.1016/j.addbeh.2005.09.015.
- Fonseca A. & Simões A. (2002) A teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi: o papel do autocontrolo, da família e das oportunidades in *Comportamento antissocial e família: novas abordagens para um velho problema*, António Castro Fonseca, Coimbra: Almedina (pp. 245 – 262).
- Fonseca, C., Miranda, M., & Monteiro, O. (2003). Adolescentes reclusos, toxicodependências e doenças infecto-contagiosas. *Infância e Juventude*. 4, 61-107.
- Formiga, N., Aguiar, M. e Omar, A. (2008). Psicologia ciência e profissão: *Busca de sensação e condutas antissociais e delitivas em jovens*, 28(4), 668-681.
- Gouveia, V., Pimentel, C., Gouveia, R., Freires, L., Athayde, R., Araújo, R. (2010). *Inventário de Arnett de Busca de Sensações (AISS): testando diferentes modelos fatoriais*. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

- Hoaken, P., Shaughnessy, V., Pihl, R. (2003). *Executive cognitive functioning and aggression: Is it an issue of impulsivity?* *Aggressive Behavior*, 29, 15-30.
- Lei nº 166/99, de 14 de Setembro. *Diário da República nº215/99 Série I-A*. Assembleia da República.
- Lynam D. R., Miller J. D. (2004). *Personality pathways to impulsive behavior and their relations to deviance: Results from three samples*. *Journal of Quantitative Criminology*, 20:319–341.
- Lisboa, A. (2008). *A Pobreza, um Livre Trânsito para a Delinquência Juvenil?* Tese de Doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Lösel, F. (2003). The development of Delinquent Behaviour. In Carson, D. & Bull, R., *Handbook of Psychology in Legal Contexts (2a Ed)*. John Wiley & Sons Ltd: England.
- Marcotte, G., Marcotte, D., & Bouffard, T. (2002). *The influence of familial support and dysfunctional attitudes on depression and delinquency in an adolescent population*. *European Journal of Psychology of Education*, XVII (4), 363-376.
- Moffitt, T. E., Caspi, A. & Rutter, M. (2001). *Sex Differences in Antisocial Behaviour*. Cambridge University Press: Cambridge
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis: trajetórias, intervenções e prevenção*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Negreiros, J. (2012). *Slides das aulas da Unidade Curricular: Intervenção nos comportamentos antissociais e delinquentes*.

- Neves, A. (2013). *Impulsividade, percepção das práticas educativas parentais, comportamentos antissociais e delinquentes em adolescentes: uma amostra em contexto escolar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e Criminal, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Lisboa.
- Oliveira, P. (2011). *Atitudes e crenças antissociais na delinquência juvenil: Diferenças em função da idade, do género, e do padrão antissocial*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, FPCE-UP, Porto.
- Pais, M. (2012). *Delinquência juvenil: As consequências da ausência de vínculos familiares na adopção de comportamentos desviantes*. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Pechorro, P. (2011). *Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos*. Tese de Doutoramento em Ciências e Tecnologias da Saúde Especialidade em Medicina Legal e Ciências Forenses, Faculdade de Medicina, UL, Lisboa.
- Pechorro, P., Poiães, C., Marôco, P., Vieira, R. (2012). *Traços psicopáticos e perturbação do comportamento em adolescentes institucionalizados*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Preto, N. (2012). *Traços de personalidade em polícias: procura de sensações e impulsividade*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, FPCE-UP, Porto.
- Santos, B. (2004). *Os caminhos difíceis da “nova” justiça tutelares educativas: Uma avaliação de dois anos de aplicação da Lei Tutelar Educativa*. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Seabra, H.M. (2005). *Delinquência a Preto e Branco: estudo de jovens em reinserção*. Coleção Teses do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, nº1. Lisboa: ACIME.
- Siegel, L. (2012). *Criminology*. USA, Cengage Learning.

- Silva, F. (2012). *Impulsividade, orientação temporal, e a sua relação com o desvio na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Especialidade de Psicocriminologia, ISPA, Lisboa.
- Vazsonyi, A., Cleveland, H., & Wieber, R. (2006). Does the effect of impulsivity on delinquency vary by level of neighborhood disadvantage? *Criminal Justice and Behavior*, 33, 511 – 541. DOI: 10.1177/0093854806287318.
- Vitacco M., Neumann C., Robertson A., Durrant S. (2002). *Contributions of impulsivity and callousness in the assessment of adjudicated adolescent males: A prospective study*. *Journal of Personality Assessment*, 78:87–103.
- White, H. R., Labouvie, E. W., & Bates, M. E. (1985). *The relationship between sensation seeking and delinquency: A longitudinal analysis*. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 22(3), 197-211.
- Zappe, J., e Dias, A. (2010). *Delinquência juvenil na produção nacional: Distâncias entre achados científicos e intervenções concretas*. Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expression and biosocial bases of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.

Anexos

ANEXO A



Este questionário integra-se num estudo realizado no âmbito de uma Tese de Mestrado, elaborada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e tem por objetivo abordar atitudes face a comportamentos impulsivos e de busca de sensações.

Todas as respostas dadas serão anónimas e confidenciais e, por isso mesmo, não se pretende que escreva o seu nome em nenhuma parte.

Leia, por favor,,com muita atenção cada uma das questões e responda sempre o mais honestamente possível. Não existem respostas certas ou erradas. Cada pessoa é única e por isso diferente.

A maioria das questões é de escolha múltipla, pelo que deve ser respondida com um X a assinalar a resposta pretendida. No caso de não encontrar a resposta que corresponda exactamente ao caso, assinale a alternativa que mais se aproxima. Nas questões de resposta aberta, escreva a sua resposta no espaço que está em branco.

Local onde decorreu o preenchimento: _____

Data do preenchimento: ___/___/_____

Obrigado pela sua colaboração

ANEXO B

1. Caracterização Socio-Demográfica

1. Sexo:

Feminino		Masculino	
----------	--	-----------	--

2. Idade: _____

3. Nacionalidade:

Portuguesa	
Outra. Qual? _____	

4. Estado Civil:

Solteiro(a)	
Casado(a) / união de facto	
Divorciado(a) / separado(a)	
Viuvo(a)	

5. Grupo étnico:

Caucasiano (ex: branco)	
Africano	
Asiático	
Outro. Qual? _____	

ANEXO C

2. Caracterização da Situação Escolar

6.1. Atualmente, encontra-se a estudar?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

6.1. Se sim, em que ano de escolaridade se encontra: _____

6.2. Se não, qual foi o último ano concluído: _____

7. No seu percurso escolar, alguma vez ficou retido?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

7.1. Se sim:

7.1.1. Quantas vezes? _____

7.1.2. Em que ano(s)? _____

ANEXO D

3. Caracterização da Situação Familiar

8. Por quem é composto o seu agregado familiar [assinale com um X todas as alternativas que se aplicam à sua situação]:

Pai		Irmãos. Quantos? _____	
Mãe		Avós. Quantos? _____	
Padrasto		Outros Familiares. Quem? _____	
Madrasta		Outras pessoas. Quem? _____	

9. Qual a situação de emprego em que se encontra:

9.1. O seu pai:

Empregado		Desempregado		Reformado	
-----------	--	--------------	--	-----------	--

9.2. A sua mãe:

Empregado		Desempregado		Reformado	
-----------	--	--------------	--	-----------	--

9.3. O seu Encarregado de Educação (no caso de este não ser nenhum dos pais):

Empregado		Desempregado		Reformado	
-----------	--	--------------	--	-----------	--

10. Qual o nível de escolaridade:

10.1. Do seu pai:

Sem escolaridade	
Primeiro Ciclo	
Segundo Ciclo	
Terceiro Ciclo	
Ensino Secundário	
Ensino Superior	

10.2. Da sua mãe:

Sem escolaridade	
Primeiro Ciclo	
Segundo Ciclo	
Terceiro Ciclo	
Ensino Secundário	
Ensino Superior	

10.3. Do seu Encarregado de Educação (no caso de este não ser nenhum dos pais):

Sem escolaridade	
Primeiro Ciclo	
Segundo Ciclo	
Terceiro Ciclo	
Ensino Secundário	
Ensino Superior	

ANEXO E

4. Caracterização Individual

11. Indique o seu grau de Concordância/Discordância para com as afirmações que se seguem:

	Discordo totalmente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Gostaria e explorar lugares estranhos.					
2. Gostaria de fazer uma viagem não planeada, sem rota definida e sem horários.					
3. Fico aborrecido quando tenho de passar muito tempo em casa.					
4. Prefiro para amigos pessoas que são imprevisíveis e excitantes.					
5. Gosto de fazer coisas estranhas e assustadoras.					
6. Gostaria de tentar praticar paraquedismo.					
7. Gosto de festas movimentadas e desinibidas.					
8. Gosto de ter experiências novas e excitantes.					

ANEXO F

12. Indique em que medida as afirmações que se seguem se aplicam ao seu comportamento habitual:

	Nada verdadeiro	Pouco verdadeiro	Mais ou menos verdadeiro	Bastante verdadeiro	Muito verdadeiro
1. Costumo gastar o meu dinheiro logo que o recebo.					
2. Preciso de me controlar muito para evitar sarilhos.					
3. Sou uma pessoa impulsiva.					
4. Costumo fazer coisas sem parar para pensar.					
5. Costumo ter problemas porque faço as coisas sem pensar.					
6. Tenho dificuldades em poupar dinheiro para comprar alguma coisa semanas depois.					
7. Não compreendo porque é que as pessoas poupam o seu dinheiro quando poderiam gastá-lo logo.					
8. Costumo falar rapidamente antes de pensar sobre as coisas.					

ANEXO G

5. Comportamentos Antissociais

13. Quantas vezes já ocorreu:

	Nenhuma	1	2-3	4-5	6-7	8-9	10-11	12 ou mais
1. Ter falta de disciplina.								
2. Ser suspenso da escola.								
3. Ser expulso da escola.								
4. Insultar um professor ou funcionário da escola.								
5. Bater num professor ou funcionário da escola.								
6. Danificar intencionalmente mobiliário, instrumentos ou espaços da escola.								
7. Andar à porrada na escola.								
8. Passar a noite fora de casa sem autorização.								
9. Fugir de casa.								
10. Estar incluído num grupo que se junta para gozar/insultar outras pessoas.								
11. Estar incluído num grupo que se junta para bater noutras pessoas.								
12. Andar à porrada na rua.								

13. Envolveres-te em lutas de gang.								
14. Ferir alguém ao ponto dessa pessoa necessitar de cuidados médicos.								
15. Usar facas ou navalhas para ameaçar ou magoar alguém.								
16. Usar armas de fogo para ameaçar ou magoar alguém.								
17. Forçar a entrada numa casa, estabelecimento ou outra propriedade.								
18. Pegar fogo a um carro.								
19. Pegar fogo a uma casa ou outro espaço.								
20. Roubar um carro.								
21. Roubar artigos em lojas ou supermercados.								
22. Roubar dinheiro ou objetos de outra pessoa (ex. telemóvel, relógio, carteira, roupa, etc.).								
23. Participar num assalto a um casa, loja, escola ou outro edifício.								
24. Vender artigos roubados.								
25. Vender droga.								
26. Ter problemas com a Polícia por alguma coisa que tenhas feito.								